

A CULTURA DIGITAL E O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Silvia Regina Sênos Demarco; Susan Kratochwill

*Universidade Castelo Branco; Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro;
silviasenos@globocom.com; susanprofessora@gmail.com*

RESUMO

Este estudo visou analisar e apresentar de que maneira a cultura digital implica no ensino e aprendizagem da língua inglesa (LI), quando são utilizadas as novas tecnologias e suas possibilidades interativas e dialógicas. Foi utilizada a pesquisa qualitativa bibliográfica, principalmente considerando outros estudos já realizados que em muito contribuíram com a investigação proposta. Concluiu-se que a cultura digital vem ganhando espaço na sala de aula, pois os recursos tecnológicos usados dentro e fora da escola impulsionam mudanças nas formas de aprender e de ensinar, promovendo interações mais sofisticadas e colaborando com a aprendizagem da L.I. Entretanto, se faz necessário refletir sobre como escola, alunos e professores se relacionam com esses aparatos e recursos digitais em rede, atribuindo sentidos e significados.

Palavras-chave: Cultura Digital. Ensino. Aprendizagem. Língua Inglesa

ABSTRACT

This study aimed to analyze and present how the digital culture implies in the teaching and learning of the English language (EL), when the new technologies and their interactive and dialogical possibilities are used. Qualitative bibliographical research was used, especially considering other studies already carried out that contributed much to the proposed research. It was concluded that digital culture is gaining space in the classroom, because the technological resources used inside and outside the school impel changes in the ways of learning and teaching, promoting more sophisticated interactions and collaborating with the learning of L.I. However, it is necessary to reflect on how school, students and teachers relate to these devices and digital resources in network, attributing meanings and meanings.

Key-words: Digital Culture. Teaching. Learning. English Language .

INTRODUÇÃO

A sociedade mundial do século XXI vem sendo conduzida pelas redes digitais. Observou-se o arranjo desses sistemas que oferecem cada vez mais, possibilidades e práticas cotidianas diferenciadas, no consumo de informações, na comunicação e na interação com outras pessoas, assim como na realização das rotinas diárias, com o uso de diversas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC).

Nessa perspectiva, a educação se encontra em ajustes, em que professores e alunos buscam se tornar cidadãos críticos, autônomos e criativos, solucionando problemas, com iniciativas próprias, produzindo conteúdos e saberes, e questionando e transformando a própria sociedade. Assim, a produção e o compartilhamento do conhecimento poderão contribuir para a construção de novos significados e conhecimentos. Por outro lado, o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) demanda uma reflexão sobre seus impactos nos processos educacionais, em especial, para este estudo, no ensino da língua inglesa nas escolas.

Considerando diversas discussões em torno de abordagens teóricas e metodológicas que pretendem oferecer melhorias aos processos de ensino e de aprendizagem da língua inglesa, incluir as tecnologias ao contexto escolar pode contribuir nesses processos, uma vez que, os alunos, desde a primeira infância – nativos digitais, já têm contato com essas ferramentas, motivando e facilitando sua interação com a aprendizagem.

Neste panorama, em que as tecnologias influenciam e modificam os processos educacionais, este estudo visou analisar e apresentar de que maneira a cultura digital implica no ensino e aprendizagem da língua inglesa (LI) quando são utilizadas as novas tecnologias e suas possibilidades interativas e dialógicas, trazendo possibilidades relevantes nos processos de ensino e de aprendizagem.

Fundamentando, Castells (1999) considera que as tecnologias da informação estão para esse novo panorama, assim como as novas fontes de energia estavam para as revoluções industriais, da máquina a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e à energia nuclear. Lévy (2003) reflete acerca das tecnologias sobre a construção da inteligência coletiva, concebendo a cibercultura como um conjunto de técnicas, atitudes, valores e modo de pensar desenvolvidos pela sociedade, devido ao crescimento do ciberespaço (internet - rede). Leffa (2006) ressalta a internet como a possibilidade dos usuários se integrarem em comunidades autênticas da língua-alvo, trocando experiências e construindo conhecimento. Brydon (2011) considera os multiletramentos digitais advindos da crescente utilização da internet. Vygotsky e Cole (1998) tratam da teoria social do desenvolvimento e aprendizagem, e o conceito de aprendizagem de língua estrangeira pela abordagem comunicativa de aquisição e desenvolvimento no convívio multicultural e contextualizado de Foster e Ohta (2005) e Krashen (1987), que estabelece uma distinção entre estudo formal e assimilação natural de idioma, concluindo que o eficiente ensino da língua estrangeira (LE) explora a habilidade do professor ao criar situações de comunicação autênticas, não necessariamente dentro da sala de aula, mas enfatizando o intercâmbio entre pessoas de culturas diferentes.

A metodologia utilizada neste estudo configurou-se como uma pesquisa qualitativa bibliográfica, por analisar e comparar de forma crítica outros estudos realizados sobre as tecnologias e a cultura digital que impactam diretamente no ensino da língua inglesa.

Alguns dos trabalhos realizados e analisados neste estudo demonstram que a cada dia, os problemas relacionados ao ensino/aprendizagem de LE, em especial o inglês, estão mais evidentes quando fica desconsiderado o contexto digital em rede (ROCHA & BASSO, 2008; LEFFA, 2009; JORGE, 2009; ROCHA, 2006; 2008).

Castells (1999 apud DEMARCO, 2016, p. 25), vem estudando a sociedade em rede e considera que:

nesse panorama, as características do século XXI, apontadas por Palomares Ruiz (2004 *apud* BOZU; HERRERA, 2009) são: o conceito emergente da globalização, os modelos de vida e os pensamentos transmitidos pelos meios massivos de comunicação, a autoridade e o papel da informação como sinônimos de poder e riqueza, o crescimento tecnológico, o aumento do individualismo, a busca incansável pela eficácia e o trâmite de uma sociedade tecnológica para uma sociedade do conhecimento. A Educação inserida nesse contexto demanda por uma nova perspectiva direcionada pela própria sociedade e ganha diversos caminhos e possibilidades de materiais didáticos distintos e práticas educativas.

Ao pensar a escola como uma instituição onde deveria haver a maior rede de compartilhamento de pensamentos acerca de assuntos presentes na sociedade e propagação de discursos e valores sociais contemporâneos no meio na qual está inserida, essa escola não poderia abster-se das demandas e da cultura da sociedade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino (PCN), de Língua Estrangeira, que orientam para que as pessoas tenham acesso mais igualitário ao mundo acadêmico, ao mundo dos negócios e ao mundo da tecnologia etc., consideram indispensável que o “ensino de Língua Estrangeira seja entendido e concretizado como o ensino que oferece instrumentos indispensáveis de trabalho” (BRASIL, 2000, p. 38)

Como produto do desenvolvimento deste estudo, gerou-se este artigo que foi dividido em tópicos. O primeiro aborda o conceito da cultura digital. Em seguida, analisou-se como os professores e os alunos lidam com a cultura digital em sala de aula com o foco no aprendizado da LI.

1. *Cultura digital*

Para entender o conceito de cultura, Camargo (2016, p. 1) explica: "cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social."

Pode-se inferir que a cultura é transmitida pelas gerações, e transformada à medida que novas ações coletivas são desenvolvidas. Assim, a cultura digital surge diante das transformações e inovações sociais e tecnológicas.

Na atualidade, a vida cotidiana se funde aos espaços digitais. Pessoas de variadas idades, profissões e condições sociais e econômicas vivenciam os impactos da cultura digital, conforme Santaella (2003, p. 24) considera que:

para compreender essas passagens de uma cultura a outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais.

A educação não poderia estar fora deste contexto. Observa-se que para ensinar, o caderno e o livro não são mais os únicos atores deste processo. Almeida e Prado (2006, p.18) afirmam que para superar o uso das tecnologias com igenuidade, é imprescindível não somente conhecer as maneiras de aprender e de ensinar, "bem como de produzir, comunicar e representar conhecimento, possibilitadas por esses recursos, que favorecem a democracia e a integração social".

A cultura digital como processos de transformação socioculturais ocorridos a partir de aparatos digitais em detrimento dos analógicos é conceituado por Giordani (apud BUENO, 2012, p. 1):

Pode-se dizer que é quando vários setores da vida de uma pessoa passam a estar intimamente ligados a ferramentas tecnológicas interativas, intercomunicadoras e informativas, quando tal vínculo torna-se tão relevante que passa a fazer parte da rotina do ser humano em instancias diferentes da sua vida. A Cultura digital é quando se apontam novas formas de produção, circulação e recepção de produtos e bens culturais, transformação de linguagens e novas formas de propagar informação e conhecimento.

Verifica-se que um dos principais benefícios da cultura digital na escola, com a incorporação das tecnologias no currículo e como recurso pedagógico favorecendo os processos de ensino e de aprendizagem, é justamente a flexibilidade e a promoção do aluno participar de comunidades de aprendizagem, sem a restrição do espaço da sala de aula.

2. O ensino de língua inglesa na escola

As transformações pelas quais o ensino da língua inglesa passou, historicamente, foram resultados do reconhecimento das mudanças e demandas dos aprendizes, como também das modificações na concepção de língua e linguagem e do aprendizado, ainda que essas transformações não cheguem às políticas e práticas pedagógicas como o esperado. (RICHARDS; RODGERS, 2001).

Por outro lado, segundo a pesquisa Panorama (2015), a popularização dos *smartphones* trouxe uma demanda por conteúdo móvel. Alguns aplicativos (*apps*) podem ser baixados de forma gratuita pela internet. Como consequência, os hábitos, antes restritos às pessoas com maior renda, agora são disseminados para grande parte dos usuários móveis.

Examinando a LDB 9.394/96, observa-se que é compulsória a inclusão de, ao menos uma língua estrangeira no currículo escolar do ensino fundamental e médio.

A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. (BRASIL, 1998, p.15)

Por isso, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do estudante, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. Todo tempo é tempo de conhecer e de exigir um novo modelo de ensino: um ensino interativo, interessante, atual e real, com ênfase em despertar no aluno, a responsabilidade de atualizar-se, de buscar informações e de manter-se atento às mudanças. Este novo pensar no ensino implica em aprender a aprender, traduzindo a capacidade de refletir, analisar, criticar e tomar consciência do que se sabe, buscar novas informações, adquirir novos conhecimentos e compartilhá-los, como resultado da contemporaneidade.

No III Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês (ABRAPUI, 2012), vários pesquisadores se reuniram em torno da discussão do uso da tecnologia no ensino da língua inglesa. Na conferência *English Language Teaching and*

Learning in the Age of Technology, Menezes de Souza (2011) chamou atenção para as inter-relações teóricas e o uso da tecnologia no ensino de línguas, apresentando sugestões de ferramentas digitais que podem ser incorporadas ao ensino de línguas estrangeiras. Mill, Oliveira e Ribeiro (2010) afirmam que a utilização da internet por professores e alunos possibilita maior qualidade nas aulas, agregando conhecimentos, valorizando a cultura e os saberes dos alunos. Corroborando com o uso das tecnologias, Finardi et al (2013) investigaram o uso do livro digital, do ponto de vista da percepção dos aprendizes, com o objetivo de analisar o impacto dessa ferramenta tecnológica no aprendizado da LI. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos afirmou gostar desse tipo de ferramenta e sentiu-se mais motivada a participar das atividades com o livro digital, devido a interatividade.

Observa-se que a tecnologia é notória nos dias atuais e se faz cada vez mais presente também no ambiente escolar. Uma cena comum do dia-a-dia é ver um celular ou tablete na mão de um aluno, de um professor, para o uso nas redes sociais e outros recursos.

A palavra tecnologia é de origem grega: *tekne* e significa “arte, técnica ou ofício”. Já a palavra *logos* significa “conjunto de saberes”. Por isso, a palavra define conhecimentos que permitem produzir objetos, modificar o meio em que se vive e estabelecer novas situações para a resolução de problemas vindos da necessidade humana. Enfim, é um conjunto de técnicas, métodos e processos específicos de uma ciência, ofício ou indústria. (RAMOS, 2012, p.2)

Ao se falar de tecnologia na atualidade não podemos desconsiderar a rede mundial de computadores – a internet. Para fundamentar, Castells (1999 p.414), afirma que a internet é “uma transformação tecnológica de dimensões históricas”, permitindo “a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa.”. Há mais de 15 anos, o autor previa os efeitos do desenvolvimento da rede, considerando “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura.”

De acordo com Belloni (2005), as máquinas inteligentes estarão cada vez mais presentes no cotidiano e no campo da educação. Alinhado ao pensamento de Vygotsky (1986) sobre o desenvolvimento cognitivo humano, a aprendizagem ocorre pela interação do indivíduo com o outro por meio da linguagem (PIAGET, 1998), linguagem esta que se expande na teia em rede pelos aparatos digitais, possibilitando a maturação biológica das estruturas cognitivas. A partir da mediação, novas experiências e necessidades do aprendiz se

renovam. Segundo Vygotsky (1996), o papel do professor assume a posição de mediador, gerenciando as direções que o aluno deva tomar, para buscar a informação e construir o conhecimento.

Aliado a este pensamento, o contexto do ciberespaço, da cibercultura, da realidade virtual e das comunidades virtuais de aprendizagem tem afetado, em especial, o modo como as pessoas aprendem, como se relacionam com a informação disponível e com a construção do conhecimento, ensejando o surgimento de novas práticas educacionais. (LÉVY, 2003).

Em se tratando do ensino e da aprendizagem da L.I., o uso apenas do livro e do caderno para estudar não é mais uma unanimidade nas escolas atuais. Pesquisas confirmam a popularização dos *smartphones*, que trazem uma crescente demanda por conteúdo móvel, que antes, era restrito às camadas mais privilegiadas. A tecnologia se faz presente tanto pelo professor, quanto pelo aluno. Computadores, data show, retroprojetor, DVD, TV, CD-ROM, pen-drives, etc., podem colaborar com o professor para aulas mais dinâmicas e atrativas para todos, gerando trocas e oportunidades com a sociedade real. Os aplicativos relacionados aos celulares e tablets, como *Whatsapp*, *Facebook*, *Youtube*, *Waze*, dentre outros, se apresentam de forma prática e fácil acesso, conforme Fernandes (2016, s/p) define:

Um aplicativo móvel é um sistema desenvolvido para ser instalado em um dispositivo eletrônico móvel, como tablets e smartphones. Os aplicativos são normalmente conhecidos como “apps” ou “app mobile”. A sigla “app” é uma abreviatura de “aplicação de software”. Em 2010, o termo se tornou tão popular que foi assinalado como “palavra do ano” pela Sociedade Americana de Dialetos.

Desta maneira, os aplicativos voltados à Língua Inglesa, se utilizados pelas escolas regulares, podem servir como potenciais pedagógicos, no processo de ensino e de aprendizagem. De fácil acesso e com uma diversidade de opções, esses aparatos facilitam questões de gramática, traduções, significados e até de descrições fonéticas. A popularização dos *smartphones* traz uma crescente demanda por conteúdo móvel. Hábitos que antes se restringiam às camadas de maior renda da população se dissipam gradualmente por todo o universo de usuários móveis.

Entretanto, De Liz (2015, p. 25) afirma que existe “uma defasagem relacionada às habilidades orais, considerando-se que o trabalho da maioria dos professores é centrado na leitura e redação”. Assim, o autor sugere a inclusão das ferramentas tecnológicas móveis, como uma possível colaboração.

3. Enfrentando os desafios

Os desafios em sala de aula estão sempre presentes na vida de um professor. Com o uso da tecnologia em alta, os professores precisam estar atualizados para esse tipo de situação. Cantini et al (2006, p.876) afirmam que as inovações tecnológicas e os novos paradigmas oriundos da reestruturação produtiva desencadeiam, por conseguinte, a necessidade de se incorporar o uso de ferramentas tecnológicas no processo de formação humana. É importante ressaltar que as inovações estão em todos os campos da sociedade e tem reflexo direto na vida do ser humano e principalmente na sua formação acadêmica e profissional. Sendo assim, um professor deve ser capaz e aceitar essas novas formas de ensinar.

O professor do séc. XXI precisa conhecer as novas possibilidades tecnológicas e saber fazer uso da nova linguagem que emerge nesse contexto, que convida o leitor a buscar informações na presença de textos, imagens e sons, vídeos e o hipertexto, nessa configuração que se apresenta.

O termo hipertexto, empregado por Ted Nelson, considera manter os pensamentos em sua estrutura multidimensional e não sequencial: “[...] assim eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não-sequenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções.” (NELSON, 1992, p.161)

Com o advento e a popularização da internet, a relação entre a Educação e as mídias digitais é reforçada e ganha maior visibilidade, através do uso da linguagem html, que possibilita a montagem de rede hipertextuais, com *links*. Com o uso de hipertexto, os usuários têm acesso às diversas conexões, tendo a oportunidade da leitura e escrita em diferentes direções, num acesso associativo, formando uma rede de exemplos e conceitos, em que os usuários podem desenvolver pesquisas e produzir textos, participando de um processo de busca e construção de conhecimentos. Assim, o hipertexto pode ser uma ferramenta de ensino e aprendizagem, podendo ocorrer de forma incidental e/ou por descoberta.

Significa dizer que a compreensão do letramento digital é necessária ao professor. As considerações de Leffa (2006) deixam explícitas que as tecnologias não salvam a educação, mas sim, o que o professor deseja fazer com ela. É necessário uma política pública efetiva enfatizando que a escola esteja integrada e articulada com o conjunto da rede, sendo um elemento fundamental no processo coletivo da produção de conhecimento.

Em relação ao letramento digital, toma-se primeiramente, o conceito de letramento, conforme Freire (2011, p. 15) define:

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até

mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras.

No novo espaço da cibercultura, a leitura e a escrita podem ocorrer na tela de um computador, exigindo outro comportamento nas novas interações de quem escreve e de quem lê o texto. Esse texto na tela pode se configurar um hipertexto porque não segue uma sequência linear, já que pode conter hiperlinks que nos remetam a outras leituras e textos. De acordo com Lévy (2004, p. 40), a leitura do hipertexto ocorre

quando um leitor se desloca na rede de microtextos e imagens de uma enciclopédia, deve traçar fisicamente seu caminho nela, manipulando volumes, virando páginas, percorrendo com seus olhos as colunas tendo em mente a ordem alfabética. [...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra, desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico.

Portanto, o letramento digital se refere aos que se apropriam das tecnologias digitais, das maneiras da leitura e da escrita na tela, sugerindo novos comportamentos e desafios solicitados ao professor, aluno e escola da atualidade.

Ao mencionar o professor deste século, vêem-se os desafios deste na Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999), que tem como desafio a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na sala de aula. A flexibilidade neste novo paradigma é a provável especulação positiva da sociedade da informação, em que grupos defensores da utilização das TIC enquanto recursos pedagógicos reforçam a valorização pelas possibilidades de criação colaborativa, que devem ocorrer na gestão educacional e no trabalho docente. Contudo, as ferramentas tecnológicas devem ter um propósito e conhecimento por parte dos docentes que a utilizam.

Tanto professor quanto aluno precisam entender a atualidade e avanços da tecnologia.

Muitas são as contribuições dos recursos tecnológicos para o processo de ensino aprendizagem, dentre os quais podemos destacar, a mudança significativa da função do educando, que nesse universo de conhecimentos, nessa imensa rede interativa, passa a se tornar sujeito da própria formação, frente à diferenciação e riqueza dos novos espaços de conhecimento dos quais deverá participar. (SOUZA, 2012, p.6)

De acordo com Moran (2000, p.2) “o professor é um facilitador, que procura ajudar para que cada um consiga avançar no processo de aprender”. Mas tem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. Ele tem uma grande liberdade concreta, na forma de conseguir organizar o processo de ensino-aprendizagem, mas dentro dos parâmetros básicos previstos socialmente.

O professor pode buscar novas formas de aprendizagem, que possam deixar a aula mais atrativa, que possam ajudar o aluno a se aproximar mais da aula. Se tratando do professor de Língua Inglesa, ele pode usar os aplicativos como recurso didático, atividades extras e etc. Moran (2000, p.2) afirma que “aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente”. Enquanto a informação não faça parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente. Tendo essa oportunidade de poder ter aparatos que o auxiliem, serve de benefício para a sua aprendizagem. Porém, não adiantará ter os recursos da internet, dos aplicativos disponíveis, se o aluno não for utilizar de forma positiva. Neste processo, professor < > aluno < > tecnologia, a internet não modifica sozinha os processos de ensinar e de aprender, se não houver a integração e postura dos participantes envolvidos.

A interação entre o professor e o aluno é fundamental no processo educacional. Muller (2002, p.276) diz que a relação professor-aluno “é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo”. Com isso, essa relação é muito importante e precisa acontecer de uma maneira harmoniosa e benéfica para ambos.

Verificando que as tecnologias móveis fazem parte, cada dia mais, da vida das pessoas, instituições e crianças, Schuler (2009) considera que o uso dos dispositivos móveis pode apresentar propósitos de ensino e aprendizagem, colaborando na promoção do conhecimento e de habilidades que as crianças precisarão na competição do século XXI, assim como os projetos com foco no aprofundamento da alfabetização, das línguas do mundo, das ciências, tecnologias, engenharia e matemática, vem colaborando no desenvolvimento das habilidades e no pensamento crítico dentro e fora da escola.

No contexto da internet, a comunicação síncrona - em tempo real, como chats, webconferências - é próxima da linguagem oral, enquanto na comunicação assíncrona, como

blogs, wikis e fóruns, proporciona maior igualdade de participação, como redação colaborativa, discussão de textos, dentre outros.

É importante salientar que utilizar a internet como recurso para contribuir com a aprendizagem, não seja sinônimo de que os alunos ficarão o tempo todo na frente do computador ou celulares. Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 28) ressaltam a importância da internet na educação, quando

os alunos podem ter acesso a muitos jornais, revistas, museus, galerias, parques, zoológicos, podem conhecer muitas cidades do mundo inteiro, podem entrar em contato com autores, visitar fábricas, ouvir músicas, ter acesso a livros, pesquisas, e mais um monte de outras coisas que não vou listar, por serem infinitas as possibilidades.

Contudo, a aprendizagem da língua inglesa não ocorre somente através de um método, mas sim, de diversas estratégias de ensino que busquem atingir o objetivo maior.

4. *A cultura digital em sala de aula com foco no aprendizado da LI.*

A internet permitiu ao aluno usar a LI para se integrar a comunidades autênticas de usuários e trocar experiências com pessoas do mundo todo que estudam ou utilizam a língua-alvo (LEFFA, 2009). No ensino de línguas, o computador conectado à internet, se torna uma fonte dinâmica, que possibilita em um único recurso a integração de todas as tecnologias até então desenvolvidas, como a escrita, o áudio e o vídeo, o rádio, a televisão, o telefone.

Observa-se também que as tecnologias permitiram aos professores proporcionar situações reais de uso da língua através de *chats*, leituras de textos autênticos, compreensão auditiva de programas de rádio, filmes e vídeos postados. Além disso, as interações em *chat, blogs, facebook* e *e-mails* com fins didáticos fomentam a construção do conhecimento, permitindo ao aluno se tornar co-autor e ter poder de decisão sobre o seu produto final de aprendizagem.

A interação entre ambos é outro ponto de destaque, segundo Tijiboy (1999, p.20), o processo de interação entre as pessoas “possibilita intercambiar pontos de vista, conhecer e refletir sobre diferentes questionamentos, refletir sobre seu próprio pensar, ampliar com autonomia sua tomada de consciência para buscar novos rumos”. Segundo BOHN (2009, p.180), a “interação é um elemento importante no ensino de qualquer língua estrangeira e através do acesso à Internet, os alunos aprendizes terão contato com pessoas falantes nativos da língua alvo ou até mesmo estudantes em outros países”, ou seja, se esses aparatos servem

como elo de interação entre professores, alunos e pessoas conectadas ao redor do mundo, e aproxima-os cada vez mais da língua.

Apesar dos discursos que afirmam que os alunos, por serem os nativos digitais, lidam com os dispositivos com facilidade e criatividade, algumas pesquisas contemplam que em sala de aula, os alunos nem sempre são tão expansivos ou habilitados como em outros espaços. (DUSSEL, 2009).

Educadores, hoje, se deparam com desafios que são consequência dessa revolução tecnológica. São diversos os resultados apresentados em pesquisas sobre o uso dessas tecnologias em sala de aula. Silva (2015, p.34) afirma em sua pesquisa sobre os benefícios do uso do celular em sala de aula, em que “96,8% acreditam que o celular possa ser utilizado como uma possível ferramenta de auxílio para a aprendizagem [...]”. Todos os alunos afirmaram que o celular contribui como recurso em sala de aula, facilitando as pesquisas em tempo real.

A pesquisa TIC Educação 2015 também traz resultados positivos em relação ao uso da internet no celular, afirmando que faz parte da rotina para 78% dos alunos da rede pública e 87% da rede privada, como também para os 82% de professores (82% da rede pública e 92% da rede privada). (KRAUSE, 2016).

Verifica-se a necessidade de reconsiderar os papéis, em constante transformação, que professores e alunos têm assumido nos últimos anos, bem como buscar a atuação em sala de aula (DUBOC, 2014) para a implementação de novas práticas educacionais. Segundo Duboc (2014, p. 211) atuar nas brechas, concebidas como “momentos frutíferos para aprender, refletir, problematizar” o ensino da língua inglesa, considerando-se a contextualização, a diversidade linguística e cultural. Seria leviano afirmar que a ampliação do uso das tecnologias digitais na educação substituiria as práticas de ensino adotadas anteriormente, conforme afirma Santaella (2010), entretanto, nenhuma tecnologia de linguagem elimina as anteriores, ou seja, as novas formas de aprendizagem ou os novos modelos educacionais não são capazes de apagar os modelos anteriores. Para a autora, o ideal é que as novas mídias introduzidas coabitem com outras formas preexistentes, reformulando, então, o papel desempenhado pelas anteriores. Deste modo, alteram-se as funções sociais daquelas precedentes, resultando no remanejamento dos papéis de cada uma delas nos processos educacionais.

Entretanto, Hoffmann e Fagundes (2008) discutem em seus estudos sobre a cultura digital nas escolas, apontando que de fato, o modelo da escola da cultura digital ainda não se estabeleceu, porém, as reflexões e as tentativas já começaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea demanda, por parte da escola, no papel dos professores de L.I., novas maneiras de trabalhar os conteúdos. Os recursos tecnológicos se mostram como instrumentos potencializadores deste contexto, ao se aproximarem da realidade dos alunos, possibilitando o despertar do interesse e promovendo uma fonte de recursos educacionais que podem contribuir para a aquisição da língua inglesa, assim como uma gama diversa de elaboração de atividades, nas quais, o aluno é o protagonista no processo de aprendizagem.

Conclui-se que a cultura digital vem ganhando espaço nas aulas. Cabe ainda investigar sobre a inserção das tecnologias nas práticas escolares, a comercialização, a produção e a apropriação dos softwares educativos, dos games didáticos, mesas e lousas interativas digitais, entre outros suportes que propiciem o letramento digital, além da incorporação destes recursos pela escola e professores de língua inglesa.

A tecnologia não transforma a educação, porém, a portabilidade tem favorecido o uso das tecnologias digitais móveis, contribuindo de maneira potencializadora da aprendizagem da língua inglesa. Os recursos tecnológicos usados dentro e fora da escola, a qualquer hora e em qualquer lugar, refletem as possibilidades da ubiquidade dos smartphones, celulares e computadores, reduzidos em tamanho e com múltiplas funcionalidades, impulsionando as mudanças nas formas de aprender e de ensinar, promovendo as interações e colaborando com a aprendizagem da L.I. Destarte, se faz necessário refletir a forma de como a escola, alunos e professores se relacionam com esses aparatos e recursos tecnológicos, atribuindo sentidos e significados.

Para tal, é preciso enfrentar algumas dificuldades apontadas pelos professores e gestores ao iniciar o uso de aplicativos e equipamentos móveis em suas práticas, como: a falta de infraestrutura (internet, wi-fi); o repensar dos modelos pedagógicos de ensino, além do convencimento e a capacitação dos professores para a utilização dos recursos tecnológicos de forma crítica e contextualizada, desenvolvendo habilidades e competências que o ajudem a tornar as tecnologias como ferramentas úteis e significativas em termos pedagógicos.

Ainda são necessárias muitas discussões, pesquisas, esclarecimentos, e incentivos das redes públicas e privadas para integrar a tecnologia às práticas pedagógicas do ensino da Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.E.B; PRADO, M.E.B.B. *Integração tecnológica, linguagem e representação*. Disponível em:<www.tvebrasil.com.br/salto>. 2006. Acesso em: 15 abr. 2016.

BASSO, E. A. Adolescentes e a aprendizagem de uma língua estrangeira: características, percepções e estratégias. In: ROCHA, C. H. & BASSO, E. A. (Orgs.) *Ensinar e Aprender Língua Estrangeira em Diferentes Idades*. São Carlos: Claraluz, 2008.

BELLONI, Maria Luíza. *O que é mídia-educação*. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional - LDBEN n. 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L9394.htm>> Acesso em 09 fev. 2017.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias*. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 2000.

BRYDON, D. Local Needs, Global Contexts: Learning New Literacies. In: Maciel, R.F. e Araujo, V. de A. *Formação de Professores de Línguas: Ampliando Perspectivas*. Jundiaí, Paco Editorial 2011, p. 93-109.

BOHN, H. I. O Método “Soberano” para o ensino e aprendizagem de língua Inglesa. In: LIMA, D. C. (org). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: Conversas com Especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BUENO, G. G. O que é cultura digital. Revista Cliche. 2012. Disponível em:<<http://www.revistacliche.com.br/2012/10/o-que-e-cultura-digital-para-voce/>>. Acesso em: 20 se. 2017.

CAMARGO, Orson. Cultura. *Brasil Escola*. 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-1.htm>>.. Acesso em: 12 junho 2017.

CANTINI, M. C. et al. *O desafio do professor frente as novas tecnologias*. 2006. PUCPR, 2006. EDUCERE, 2006. Disponível em:<<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-081-TC.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2017.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE INGLÊS. Disponível em: <<http://www.abrapui.org/congresso2012/pt/home>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte, Autêntica: 2005.

DEMARCO, S. R. S. *Condições de trabalho para o exercício das atividades de tutoria na modalidade da educação a distância brasileira*. Tese de doutorado. 148 p. 2016.

De LIZ, Newton. *Tecnologia móvel no ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola*. Dissertação. 62p. 2015.

DUBOC, A. P. M.. Letramento Crítico nas Brechas da Sala de Línguas Estrangeiras. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Orgs.). *Letramentos em Terra de Paulo Freire*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 209-229.

DUSSEL, I. A transmissão cultural assediada: metamorfose da cultura comum na escola. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, nº 137, 2009. p. 351-365.

FERNANDES, M. C. *O que é um aplicativo*. 2016. Disponível em:< <https://blog.stone.com.br/aplicativo-movel/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

FINARDI, K. R. et al. Tecnologia na educação: o caso da internet e do inglês como linguagens de inclusão, 2013. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 46, junho 2013. p. 193 -208.

FOSTER, P.; OHTA, A. S. Negotiation for meaning and peer assistance in second language classrooms. *Applied Linguistics*, v. 26, n. 3, p. 402-430, 2005.

FREIRE, Paulo. *Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra?* Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HOFFMANN, D. S; FAGUNDES. L da C. Cultura Digital na Escola ou Escola na Cultura Digital? 2008. *Novas Tecnologias na Educação*, CINTED – UFRGS.

JORGE, M. L. dos S. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, D. C. de. (org.) *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.

KRASHEN, S. D. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. New York: Prentice-Hall Internacional, 1987.

KRAUSE, M. A cultura digital já chegou à escola. *Revista Nova escola*, 2016. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/513/pesquisa-a-cultura-digital-chegou-a-escola-falta-formacao>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LEFFA, V. J. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In: LIMA, D. C. de. (org.) *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. . A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: Wilson J. Leffa. (Org.). *Pesquisa em lingüística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

LEMOS, A. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 155-166, 2010

LÉVY, P. *As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004.

_____. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MENEZES DE SOUZA, L.M.T. *Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significado*. In: Maciel, R.F. e Araujo, V. de A. Formação de Professores de Línguas: Ampliando Perspectivas. Jundiaí, Paco Editorial 2011, p. 128-140.

MILL, D.; OLIVEIRA, M. R. G.; RIBEIRO, L. R. C. (2010). Múltiplos enfoques sobre a polidocência na Educação a Distância virtual. In: *Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques*. São Paulo: EdUFSCar, p. 13-22.

MORAN, J. Mudar a forma de ensinar e de aprender. 2000. São Paulo: *Revista Interações*, v. 5, p. 57 - 72.

NELSON, T.H. *Literary Machines 93.1*. Sausalito, CA: Mindful Press, 1992.

PANORAMA, PESQUISA. *Uso de apps no Brasil*. 2015. Disponível em:<
http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2015/03/2016.02.18_PANORAMA-DE-USO-DE-APPS-NO-BRASIL.pdf>.
Acesso em: 20 mar. 2017.

PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1998.

RAMOS, M. R. V. *O uso de tecnologias em sala de aula*. Ensino de Sociologia em Debate. Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL. Edição N°. 2, Vol. 1, jul-dez. 2012.

RICHARDS, J.C. & RODGERS, T.S. *Approaches and methods in language teaching*, 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ROCHA, C. H. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. In: _____. & BASSO, E. A. (orgs). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2008.

SANTAELLA, L. - Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.

_____. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? *Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP*—Departamento de Computação/FCET/PUC-SP, vol. II, n. 1, p. 17-22, 2010. Disponível em Acesso em: 21 out. 2017.

SHULER, C. *Pockets of potential Using Mobile Technologies to Promote Children's Learning*, Ed.M. January 2009.

SOUZA, D. L. et al. O uso de recursos tecnológicos em sala de aula: relato envolvendo experiências do PIBID do curso de Pedagogia da UFPI. 2012. *IV FIPED Campina Grande: Realize*, 2012.

MULLER, L. S. A interação professor-aluno no processo educativo. 2002. *Integração*, ano III, n. 31, nov. 2002.

TIJIBOY, A. V et al. *Aprendizagem cooperativa em ambientes telemáticos*. PGIE - UFRGS, v. 2, n. 1, maio, 1999.

VYGOSTKY, L. *Thought and Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1986.

VYGOTSKY, L.S ; COLE, M. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.